

## DA DISCIPLINA DO CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA: NOTAS PARA ENTENDER ALGUMAS RELAÇÕES SOCIAIS

**Tadeu João Ribeiro Baptista**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

### **Resumo**

O metabolismo entre o homem e a natureza se recria sempre implicando novas formas sociais. Dentre elas, está a forma como a sociedade trata e disciplina o corpo. Questiona-se, então: como se determina a forma do corpo na sociedade capitalista? Para compreender esse tema, busca-se entender como se estabelece a forma do corpo e quais as contribuições da Educação Física, como campo de conhecimento, nesse contexto. Este texto teórico baseado em uma revisão de literatura apresenta como resultado principal a influência do trabalho sobre a determinação da forma do corpo.

**Palavras-chave:** Corpo. Disciplina. Capitalismo.

---

### **Introdução**

**E**ste trabalho é fruto de um debate inacabado que possui como elemento fundamental entender a manifestação e a idealização corporal na sociedade ocidental atual. Assim sendo, procura revelar as relações sociais que, de certa forma, determinam a maneira como o corpo é visto, produzido e consumido na atualidade. Esse processo atinge não apenas a forma como ele é moldado e, portanto, estabelecido como critério de referência para a sociedade, mas, acima de tudo, entende-se que a ação sobre o corpo se constitui, para além daquilo que se percebe imediatamente, a própria consciência das pessoas.

O corpo é um objeto de estudo bastante antigo: por exemplo, é possível constatar esse debate entre os gregos (PLATÃO, 2005, 2006), na Idade Média, com Santo Agostinho (2008), e a partir do século XVII com outros autores (DESCARTES, 2005, 2006). Provavelmente, essa discussão ainda irá bem longe, tendo-se em vista que a cada dia o corpo recebe novos significados sociais, pois há de se considerar que na

civilização ocidental e provavelmente em toda a civilização o corpo é tabu, objeto de atração e repulsão. Para os senhores da Grécia e do feudalismo, a relação com o corpo ainda era determinada pela habilidade de destreza pessoal como condição da dominação. O cuidado com o corpo (Leib) tinha, ingenuamente, uma finalidade social (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 217).

Essa relação da sociedade com o corpo demonstra que este sempre foi considerado pela atração ou pela repulsão que provocava. Destarte, o controle sobre o corpo e sua disciplina sempre foram vistos como uma necessidade, mesmo que para desenvolver as suas destrezas e habilidades diferenciadas que pudessem de alguma forma contribuir para o desenvolvimento de certos objetivos sociais.

A partir dessas premissas pretende-se, com este texto, identificar uma compreensão mais ampla de vinculação que existe entre o corpo e a sociedade capitalista. Nessa perspectiva se questiona: como se determina a forma do corpo na sociedade capitalista atual?

O objetivo principal deste trabalho é entender como se estabelece essa forma do corpo no modelo social ocidental vigente, especialmente na consideração do processo de reificação social e dos processos de fetichização social. Também se procura, neste recorte específico, identificar as contribuições da Educação Física como campo de conhecimento para a formação desse corpo.

A metodologia utilizada é um estudo que se caracteriza como teórico e que tem como base as análises possíveis a partir do materialismo histórico dialético, partindo de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Medeiros (2006, p. 54), a “pesquisa bibliográfica busca dar resposta ao problema formulado, a partir da análise de produções de outros autores”.

Portanto, parte-se da reflexão de que o corpo desenvolve certa percepção de si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento da consciência-de-si, termo utilizado por Hegel (2003) para apresentar a consciência que cada pessoa possui dela própria. Essa consciência de si é uma produção que não se realiza individualmente, afinal, os seres humanos só conseguem se constituir a partir de uma perspectiva social e coletiva, mediada também pelo trabalho.

Essa construção, todavia, não se realiza por meio da consciência ou mesmo do espírito de início como previa Hegel (2003). Não é lá

que se encontram os instrumentos e recursos de convencimento e sedução. Pelo contrário, diz Vigarello (apud SOARES, 2001a), é no corpo que se põe a mão para educar a criança. Esse fato se justifica, associadamente, à concepção de corpo adotada neste trabalho, segundo a qual ele é considerado como “a demonstração material/espiritual das relações históricas, sociais e espirituais, às quais estão submetidos todos os seres humanos” (BAPTISTA, 2001, p. 51).

Trabalhar com essa ideia permite compreender que o corpo não é só uma demonstração, mas a própria condição material de existência do ser humano, afinal, é pelo corpo que as pessoas vivem. Mesmo se for considerada a concepção de corpo em Hegel (2003), como sendo um objeto para a consciência, por ser externo a ela, esse é o lócus de sua existência, o que faz do corpo o instrumento privilegiado para o desenvolvimento das várias relações sociais cotidianas.

Destarte, entre todas as relações sociais que se possam discutir, uma chama a atenção de maneira mais específica neste contexto – a Educação Física –, visto que esse campo de conhecimento age de modo direto sobre o corpo, contribuindo para a sua formação do ponto de vista biológico/social<sup>1</sup>.

Enfim, existe um processo bem próximo de inter-relação que se estabelece entre os seres humanos e a natureza. Ou seja, o próprio trabalho, em seu sentido geral, contribui tanto para a formação do ser humano em seu sentido amplo como para a sua fragmentação e coisificação em condições específicas da história, provocando, inclusive, uma relação verdadeiramente metabólica entre o homem e a natureza (MARX, 1996; HEGEL, 2003).

Para efeito didático, este texto será dividido em duas partes. Na primeira, será feito um debate sobre o contexto do corpo na sociedade capitalista e, no segundo momento, irá se refletir sobre as contribuições da Educação Física como componente de determinação da disciplina e da administração do corpo.

### **Corpo e disciplina: a constituição por meio do trabalho**

Esta discussão deve se iniciar com a explicação sobre a relação entre homem e natureza. O ser humano pode ser considerado, do pon-

---

1-Parte-se do pressuposto de que o corpo é uma construção biológica e social, simultaneamente, uma vez que esses fatores são interdeterminantes na vida humana.

to de vista corporal, como estando relacionado a duas grandes dimensões: a parte física ou orgânica do ser que o compõe, a qual se configura na sua condição material propriamente dita, e uma dimensão de onde o homem retira todo o seu sustento e com a qual ele estabelece as suas relações. Essa dimensão é apontada por Marx (2002) como a dimensão inorgânica do homem, que pode ser traduzida pela presença da própria natureza, com a qual ele estabelece a sua relação metabólica desenvolvida a partir de seus atos, denominada genericamente de trabalho. Esse processo metabólico é assim apresentado por Marx (1996, p. 297):

Antes de tudo, **o trabalho** é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que **o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza**. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua **corporalidade**, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio (grifo nosso).

Nesse trecho de Marx (1996) evidenciam-se ao menos dois grandes elementos de reflexão. O primeiro é a mediação entre os dois polos (homem e natureza) pela ação do trabalho. O segundo aspecto central para esta análise é a presença da corporalidade, compreendida não apenas na presença da dimensão orgânica (física) do homem, mas, também, pela apropriação dos elementos materiais que lhe garante a sua condição de existência, definindo inclusive a sua consciência. As condições de trabalho transformam as condições materiais, entendendo-se que as relações sociais e as forças produtivas só podem ser modificadas pelo trabalho enquanto relação de metabolismo entre o homem e a natureza. Enfim:

Não tem história, não tem desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é

própria, seu pensamento e também os produtos de seu pensamento. **Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.** Na primeira forma de considerar as coisas, partimos da consciência como sendo o indivíduo vivo; na segunda, que corresponde à vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos, e consideramos a consciência como sua consciência (MARX; ENGELS, 1998, p. 19-20, grifo nosso).

É possível, com a afirmação de Marx e Engels (1998), demonstrar que a vida determina a consciência, e não o contrário. Discutindo de outra forma, é essa relação metabólica que garante aos seres humanos a sua vida, a sua formação e a sua transformação do ponto de vista humano. É essa consciência relacionada com a vida e com o corpo através do trabalho que faz que o homem entre em contato com a natureza que está à sua volta.

Ao contrário do que possa parecer, essa relação de metabolismo entre o homem e a natureza se recria na sociedade capitalista atual e constitui novas formas de relações dos homens consigo mesmo, com os outros homens e com o mundo no qual vive, provavelmente, não na perspectiva da plenitude humana, mas de sua fragmentação. Essas novas formas de relação se estabelecem com o mundo objetivo e subjetivo, social e individual, material e espiritual e implicarão novas e originais formas sociais, entre as quais pode se apresentar, inclusive, a própria forma como o corpo é tratado socialmente, assim como todas as determinações que são postas sobre ele, do ponto de vista de suas capacidades, funções e forma.

Dentre as diferentes formas de manifestação dessas relações, está a maneira como a sociedade trata e disciplina o corpo, sobretudo, com a ajuda da Educação Física, de acordo com as necessidades postas pelo modo de produção capitalista. Sobre esse aspecto podem-se referenciar alguns autores que lidam com essas concepções de maneira específica. Pode-se ressaltar ainda que não “se pode esquecer que a disciplina corporal não se constitui num fim em si mesma nem no corpo em si. O que se procura é a formação de um determinado tipo de individualidade” (BAPTISTA, 2005, p. 417-418). Nesta análise não se pode descartar a compreensão de que a forma estabelecida para o corpo e o cuidado com ele também são maneiras de discipliná-lo, em relação ao que pode ser considerado belo e bom. Adorno e

Horkheimer (1985) diriam que esse fato é estabelecido socialmente de acordo com as condições históricas estabelecidas.

Essa ideia de individualidade passa pelo entendimento de indivíduo posto pelo próprio modo de produção capitalista, o qual de certa maneira pretende que este ente seja considerado apenas como a menor presença humana, ou seja, como trabalhador e consumidor. Em outras palavras, ser capaz de se inserir na lógica do mercado. Destarte, pode-se considerar que a condição individual buscada pela sociedade capitalista se faz pela “individualização”, termo utilizado por Adorno e Horkheimer (1985) para considerar que o indivíduo que se pretende é, de certa forma, alienado, reificado e vinculado aos interesses do livre comércio e, como trabalhador, alguém que aceite a sua condição de empregado com baixo salário e necessidade imposta de produção e rendimento em larga escala.

Esse ponto leva à necessidade da disciplina corporal posta pela própria Indústria Cultural, pois é necessário que cada pessoa internalize, ou seja, incorpore as diferentes normas sociais, componente facilmente assimilado através de mecanismos como a Medicina, a sexualidade, a educação e mesmo a Educação Física (BAPTISTA, 2005).

Nesse aspecto, como o corpo é compreendido por meio do seu valor de troca, ele pode ser entendido também como uma mercadoria, a qual possui o seu valor determinado pela relação de fetiche definida para qualquer mercadoria produzida no modo de produção capitalista (BAPTISTA 2007).

Entretanto, entende-se o corpo como uma mercadoria submetida aos interesses do capital, para o qual é preparado e utilizado como o grande laboratório para o domínio da natureza. Vaz (1999) irá dizer exatamente isso, que o corpo, sobretudo aquele submetido ao treinamento esportivo, segue a mesma lógica do domínio da natureza, para a qual o corpo é inerte e simplesmente atende a esta lógica perversa.

Um exemplo disso pode ser encontrado no próprio texto de Adorno e Horkheimer (1985), quando eles dizem:

O amor da propaganda totalitária pela natureza e pelo destino é apenas uma superficial formação reativa a essa servidão ao corpo, à civilização malograda. Não podemos nos livrar do corpo e nós o louvamos quando não podemos golpeá-lo. A cosmovisão “trágica” do fascista são vésperas ideológicas a festejar verda-

deiras núpcias de sangue. Os que na Alemanha louvavam o corpo, os ginastas e os excursionistas, sempre tiveram com o homicídio a mais íntima afinidade, assim como os amantes da natureza com a caça (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 219).

Ao apresentarem esse exemplo de controle do corpo e da natureza, Adorno e Horkheimer (1985) demonstram o domínio em relação ao corpo, assim como o da natureza como sendo o mesmo processo de poder social que nem sempre se explicita. Ao se retomar a própria Educação Física, esse governo sobre o corpo não é disfarçado, ao contrário, ele se torna explícito, embora o discurso para o corpo e para a natureza seja de liberdade.

Afinal, vários professores de Educação Física da atualidade “veem o corpo como um mecanismo móvel, em suas articulações as diferentes peças desse mecanismo, e na carne o simples revestimento do esqueleto. Eles lidam com o corpo, manejam seus membros como se eles já estivessem separados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 219).

Para além dessa perspectiva de movimento mecanizado, separado, esquartejado, ainda existe um controle baseado no modelo de ciência fundamentada na mensuração. Mensuração esta justificada pela necessidade de poder de um corpo constituído pela garantia de saúde, de juventude e de longevidade, fato indagado por autores como Bagrichesky, Palma e Estevão (2003). Mais uma vez os frankfurtianos trazem luz a esse debate:

A tradição judia conservou a aversão de medir as pessoas com um metro, porque é do morto que se tomam as medidas – para o caixão. É nisso que encontram prazer os manipuladores do corpo. Eles medem o outro sem saber, com o olhar do fabricante de caixões, e se traem quando anunciam o resultado dizendo, por exemplo, que a pessoa é comprida, pequena, gorda, pesada. **Eles estão interessados na doença, à mesa já estão à espreita da morte do comensal, e seu interesse é só muito superficialmente racionalizado como interesse pela saúde.** A linguagem acerta o passo com eles. **Ela transformou o passeio em movimento e os alimentos em calorias**, de maneira análoga à designação da floresta viva na língua inglesa e francesa pelo

mesmo nome que significa também “madeira”. **Com as taxas de mortalidade, a sociedade degrada a vida a um processo químico** (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 219, grifo nosso).

Na realidade, o corpo não é negligenciado, abandonado ou considerado indiferente. Pelo contrário, o corpo é manipulado sob diferentes aspectos, tendo-se inclusive como uma das referências o controle sobre o peso, a estatura, a condição de funcionamento orgânico. Quando esse corpo máquina não é considerado apenas pelo seu nível de rendimento evidenciado pelo esporte, ele é mensurado pela sua condição de saúde, a qual não extrapola a condição do fisiológico, ou mesmo do meramente químico, aspectos estes analisados pelo campo de conhecimento da Educação Física.

### **Disciplina e controle do corpo com base na Educação Física**

A Educação Física se manifesta de modos diferentes desde o século XIX para facilitar o processo de controle dos corpos de acordo com os interesses do capitalismo, aspectos evidenciados nas obras de Soares (2001a, 2001b, 2005).

Assim sendo, o corpo passa a refletir diversas formas de domínio, que são expressas pela disciplina iniciada na família, passando pela escola e alcançando dimensões sociais mais amplas. A revolta contra uma regra estabelecida é considerada um verdadeiro ato de agressão, não apenas contra a pessoa para a qual se dirige, mas para todo o corpo social. Afinal, dentro desse modelo de sociedade funcional, cada membro deve fazer a sua parte adequadamente, sob pena de não só afetar uma parte, mas o todo. Todavia, essa mensagem deve ser subliminar, e não explícita, deve-se convencer as pessoas pela busca da saúde e do prazer, não demonstrando os interesses realmente presentes.

A disciplina imposta ao corpo não é realizada apenas pelo uso da força física, as estratégias utilizadas pelo sistema são sempre bastante sutis e se manifestam alegando preocupação com o bem-estar individual. Essas estratégias e, ao mesmo tempo, os objetivos transmitidos pelos diferentes elementos da Indústria Cultural conseguem alcançar as metas de produção e venda de mercadorias, massificação e, enfim, cooptação, conforme menciona Baptista (2001).



Uma das maneiras mais efetivas de se disciplinar o corpo é estabelecendo um determinado modelo de beleza. A construção social de uma visão de corpo representa a maneira como se trata a vinculação entre a forma ideal de corpo e a beleza imposta. Esse corpo, normalmente, possui pelo menos três características quanto à forma, as quais são consideradas essenciais: a juventude, a magreza e a definição muscular.

A juventude é apresentada como referência de um corpo que tem como grande característica a busca pela vitória, a alta capacidade de rendimento e o interesse pelo sucesso. Para alcançar esses objetivos, inclusive como forma de se inserir socialmente, a Educação Física é uma excelente arma, junto com outros tratamentos que podem ser utilizados, pois, de acordo com a dinâmica da Indústria Cultural.

Além disso, a ideia de juventude dá ainda outra denotação, que é a sensação de saúde e vida eterna, que se manifestam. Destarte, a promessa de uma vida eterna e feliz se mantém, mesmo perante a incapacidade de cumpri-la. O que se manifesta então é uma ilusão, que segundo Freud (1997) é um fato que se sabe ser irreal, mas no qual acreditamos pela promessa feita, mesmo tendo, no fundo, a plena consciência da sua impossibilidade. “Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar podemos conseguir em outro lugar” (FREUD, 1997, p. 87). De acordo com Lovisolo (2006, p. 161), se

o hedonismo caracteriza de forma ampla e crescente a sociedade moderna, como muitos autores afirmam e, se o JUBESA<sup>2</sup> – um modelo cultural ou civilizador – forma parte do mesmo, temos que reconhecer que uma parcela das estratégias para sua realização é de natureza estoica, isto é, implica repressão, sublimação e forte autocontrole. Espero que concordem e denominemos a esta tese de Sigmund Freud. Para atingirmos os objetivos do JUBESA temos que reprimir a gula, mantendo alguma forma de dieta, controlar o vício do cigarro e do álcool, entre outros. Necessitamos, muito especialmente, superar a indolência, fazendo atividade física de forma sistemática.

Esse modelo apresentado pelo autor se articula com a necessidade de se manter o corpo sob determinada forma de controle (da gula, da

---

2-O autor entende o modelo JUBESA como sendo o modelo de juventude, beleza e saúde.

indolência, do vício). Isso determina não apenas o governo do corpo para o seu valor de uso individual, mas é uma forma de aumentar o seu valor de troca.

Outro atributo desejável na atualidade é a magreza, a qual se vincula com outros aspectos. Primeiro, é fundamental pensar as contradições apresentadas pela Indústria Cultural, a qual utiliza o corpo como uma mercadoria privilegiada e que possui uma série de utilidades manifestas por sua capacidade de trabalho, saúde e magreza. Esses atributos são correspondentes ao que se pode chamar de harmonia. Dessa forma, o ideal de magreza expressa de certa maneira a condição de belo e bom. Assim sendo, a mercadoria alcança um valor totalmente distorcido perante o seu valor de uso, ou mesmo valor de troca – eis o fetiche do corpo alcançado com boas doses de muito exercício e pouca comida, combinação perfeita para a Educação Física.

Ademais, a magreza tem a ver com uma estética adequada à sociedade do capital. Segundo Soares (2001b), o capitalismo é movido pela ideia de retidão, a qual se manifesta no corpo e, por conseguinte, no caráter. Destarte, o modelo estabelecido determina um nível de retidão alcançado muitas vezes pela via anoréxica. Em outras palavras, sobretudo para muitas mulheres, há a necessidade de uma aparência esquelética, com ossos proeminentes e olhos fundos. Esse modo de se perceber o corpo traz em si também a noção de disciplina para ingerir o mínimo necessário de comida, realizando exercícios físicos extenuantes para se garantir um peso mínimo – que é, inconscientemente e com uma taxa de neurose máxima, sempre excessivo. Eis o grande motivo do combate à obesidade. Ela é em si subversão e indisciplina de um corpo que come demais e não se exercita, logo, um inimigo a ser combatido, muito mais pela sua transgressão ou possíveis gastos do que pelas implicações com a saúde, visto que, no capitalismo, a culpa é sempre da vítima, conforme mencionam Quint e Matiello Júnior (1999).

Finalmente, tem-se uma ideia de beleza que se caracteriza pela definição muscular, conseguida à custa de altas cargas de trabalho físico, dieta equilibrada e alguns recursos ergogênicos que facilitam o desenvolvimento muscular. O que seria conseguido normalmente com vários meses de treinamento pesado pode ser alcançado, provavelmente, em algumas semanas ou pouco mais de um mês. Mesmo havendo riscos elevados em relação à saúde e à própria vida, ainda assim esse é um caminho utilizado por muitos jovens, sobretudo pela promessa de

conquistas em vários aspectos da vida, que vão dos benefícios profissionais à conquista de belas e belos parceiros e parceiras. É possível identificar o uso dessas substâncias inclusive entre professores de academias de ginástica, como relata o estudo de Palma e Assis (2005).

Outro aspecto a respeito da ideia de definição muscular relaciona-se com a capacidade de trabalho, afinal, um corpo com essas características apresenta-se como forte, resistente, ágil, saudável e potente. Isso, do ponto de vista do capitalismo, é entendido como essencial para se garantir o lucro dos patrões, através da expropriação da mão de obra, exaurindo-se ainda todas as forças do trabalhador ao seu limite em troca de um salário insuficiente para as necessidades humanas. Afinal, já dizia Marx (2002) que o salário funciona como o óleo que mantém uma roda funcionando.

De acordo com Marx (1996), pode-se inferir que o corpo é o lócus da força de trabalho, portanto, visto como mercadoria central no processo de produção. Quanto mais reificado e repleto de fetiches, quanto mais disciplinado, mais condições ele possui de atender as demandas apresentadas pela organização social da produção.

Todos esses aspectos aparentemente justificam a determinação da forma do corpo, bem como a disciplina a ele imposta. Entretanto, não se consegue vislumbrar todas as mediações necessárias, o que demanda ainda um aprofundamento nos estudos para se alcançar alguma resposta satisfatória.

### **Considerações finais**

Ao iniciar estas breves considerações finais, a pretensão é ater-se ao problema levantado que diz respeito à maneira como a sociedade determina a forma do corpo. As respostas apontam para o desenvolvimento de características que garantam um alto padrão de produtividade no trabalho. Assim, procura-se produzir um modelo de corpo que atenda a altas exigências quanto ao nível de força, resistência, flexibilidade, agilidade e, até mesmo, saúde. Esses atributos só são necessários por haver a compreensão de que o corpo é força de trabalho e, conseqüentemente, mercadoria com alto valor de troca, que não pôde ser mais bem explicado nestas breves linhas.

Para alcançar os objetivos postos socialmente, o corpo tem de se submeter a uma determinada disciplina que garanta as suas características fundamentais, estando entre elas a juventude, a magreza e a de-

finição muscular, que quando alcançadas dentro de certo nível de harmonia coincidem com a ideia de beleza estabelecida nos dias atuais. Um dos problemas relacionados a isso é o fato de as pessoas, forçosamente, envelhecerem e perderem paulatinamente essas características. Como essa é uma ação inevitável, é preciso se fazer promessas de juventude e beleza adotando como elemento de sedução capitalista a Indústria Cultural, que tem como estratégia vender sonhos que não se realizam. A Indústria Cultural promete, mas não cumpre, aponta para a sublimação, mas reprime pela disciplina. Entretanto, o cumprimento da promessa poderia desmistificar a sua impotência, deixando, assim, perceberem-se as influências e interesses do capital quanto ao controle que se pretende do corpo.

Por isso, a Educação Física pode ser considerada uma das estratégias mais interessantes. Os benefícios de suas alterações são permanentemente difundidos, garantindo assim a possibilidade de dominar os corpos, haja vista ser este um mecanismo importante de controle social.

Finalmente, entender os processos que a sociedade capitalista adota é algo que exige mais estudo e verticalização, os quais se apresentam como sendo insuficientes neste momento para se apresentar todas as respostas pretendidas.

Deve-se considerar a necessidade de se superar a reificação apresentada pela ideia do corpo máquina e de fetiche do corpo quando considerado uma simples mercadoria, embora haja a dúvida sobre essa possibilidade sem que haja mudança do modo de produção.

---

#### **About body discipline and physical education: notes to understand some social relationships**

##### **Abstract**

The metabolism between man and nature is always recreated, with implications for new social forms. One of these forms is the way the body is used and disciplined. Because this, we question: How determinates the body form in the capitalist society? To understand this thematic, we try to understand how the body form is established and which is the contributions of Physical Education like a knowledge camp, has in this context. This theoretical text based on a literature review shows like its principal result the influence of work over the determination of body's form.

**Keywords:** Body. Discipline. Capitalism.

## **De la disciplina del cuerpo e educación física: notas para comprender algunas relaciones sociales**

### **Resumen**

El metabolismo entre el hombre e la naturaleza se recrea siempre implicando nuevas formas sociales. Dentro ellas, está la forma como la sociedad trata e disciplina el cuerpo. Cuestiona-se entonces ¿cómo se determina la forma del cuerpo en la sociedad capitalista? Para comprender ese tema, busca-se entender cómo se establece la forma del cuerpo e cuales son las contribuciones que la Educación Física, como Campo de Conocimiento, posee en este contexto. Este texto teórico basado en una revisión de literatura presenta como resultado principal la influencia del trabajo sobre la determinación de la forma del cuerpo.

**Palabras clave:** Cuerpo. Disciplina. Capitalismo.

---

### **Referências**

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003. v. 1.

BAPTISTA, T. J. R. **Procurando o lado escuro da lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia**. 2001. ??? f. Dissertação (Mestrado em ???) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

BAPTISTA, T. J. R. O poder sobre o corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII. **Estudos**, Goiânia, v. 32, n. 3, p. 407-443, mar. 2005.

BAPTISTA, T. J. R. **Educação do corpo: produção e reprodução**. 2007. ??? f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2007.

DESCARTES, R. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do método: regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. v. 2. p. 157-175.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Economistas, 1).

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDEIROS, M. **Metodologia da pesquisa na iniciação científica**. Goiânia: E.V., 2006.

PALMA, A.; ASSIS, M. Uso de esteroides anabólico androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, set. 2005

PLATÃO. **Fédon ou da alma**. São Paulo: Rideel, 2005.

PLATÃO. Livro VII. In: \_\_\_\_\_. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 210-238.

QUINT, F. O.; MATIELLO JÚNIOR, E. O gosto amargo do exercício como remédio nas pedagogias do medo e da culpa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Sedigraf/CBCE, 1999. v. 3, p. 867-872.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001a.

SOARES, C. L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Y. M.; RÚBIO, K. **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001b. p. 53-74.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes – Corpo e Educação**, Campinas, ano 19, n. 48, p. 89-108, ago. 1999.

.....  
Recebido em: 23/09/2011

Revisado em: 15/12/2011

Aprovado em: 24/02/2012

**Endereço para correspondência**

tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Tadeu João Ribeiro Baptista

Faculdade de Educação Física

Universidade Federal de Goiás

Campus Samambaia

Caixa Postal 131, CEP: 74001-970

Goiânia - Goiás - Brasil